

O Timor de Ruy Cinatti

Peter Stilwell

ERA JULHO DE 1946. RUY CINATTI CHEGAVA A TIMOR pela primeira vez, aos trinta e um anos de idade. Após o interregno da ocupação japonesa, Portugal retomava a administração da sua colónia, e o poeta e silvicultor acabava de ser nomeado secretário do governador Óscar Ruas.

O Império do Sol invadira a ilha em 1942, a pretexto de combater as tropas holandesas e australianas presentes no território sem autorização de Lisboa. Três anos depois, retirara sem deixar pedra sobre pedra. «*Não se podem imaginar os estragos causados pela fúria de destruição dos japoneses. São os edifícios e as florestas. Foram as manadas de cavalos e os rebanhos de búfalos. Até os veados. E o estado miserável da população [...] confirma o martírio e a fome a que a ilha esteve sujeita desde 1942*»¹.

Apesar disso, Cinatti realizava um sonho: «*Metropolitano recém-chegado, eu era, virgem e tonto frente a incríveis maravilhas*»². Anos antes, acompanhara em imaginação o navegador solitário, Alain Gerbault, até à longínqua colónia portuguesa. Agora o mar, os corais, as flores, a «*penumbra e arcada de árvores*»... representavam a sua primeira visão das ilhas do Mar do Sul³:



Visão

Para Alain Gerbault, falecido em Dili.

Levanto as minhas mãos repletas de água.
Amanheceu!

Sonho no mar sereias: algas,
Corais limosos... Eu acordava
Entre aguaceiros límpidos. Pinhais,
Pássaros, flores, penumbra e arcada de
árvores

– Momento
Que ao de leve anotava.
Serenamente explorava
Apelos e miragens.

Era o mar cheio de estrelas,
Barcos partindo para não sei onde.
Ondulações magnéticas, antenas.
Ansiedade...

Eram ilhas
Hercúleas: coroas
Vegetais sobrenadando
Altos castelos submersos e, apenas,
(«Sepultem-me no mar, longe de tudo»),
Alain,
Entre vagas, velas e gaivotas.

Levanto as minhas mãos repletas de água.
Amanheceu!

Os tempos eram de reconstrução, e ganhavam nova vida em Cinatti as reflexões do seu tempo de universitário. Parecia-lhe entrever como integrar profissão e vocação poética. Sonha um desenvolvimento do território que integre ética e ciência. Refazer rapidamente a economia destruída era, a seu ver, um contrassenso. «Uma exploração científica também se não faz rapidamente. Sou, por intuição poética e

formação profissional, contrário ao imediatismo, à rapidez que considero o mais anti-económico possível»⁴. Julgava poder «contribuir com o [seu] esforço para a obra de reconstrução em todos os sectores relacionados com a agricultura, a re-arborização e a protecção da natureza»⁵.

Mas a realidade provou ser diferente. Pelo menos de início. Cinatti viu-se confinado aos serviços de secretaria até que, por fim, sofreu um esgotamento. Então o Governador compadeceu-se, e durante os últimos meses de 1947 o jovem agrónomo e poeta foi autorizado a percorrer livremente o território, com timorenses a orientá-lo, a fim de recolher elementos para a sua tese de licenciatura. É desse período o seu levantamento fito-geográfico de Timor, até hoje o mais exaustivo alguma vez realizado⁶.

Um ano depois, descreve em síntese a paisagem que conheceu nessas caminhadas: «A vegetação de Timor, ao contrário do que se imagina, não é composta exclusivamente por agrupamentos de natureza tropical, nem oprime o espírito ao ponto de nos considerarmos irremediavelmente à mercê do poder dos elementos da selva. A oito graus de latitude sul, a ilha oferece-nos o espectáculo incomparável de uma vegetação cintilante e vária que, conforme as regiões, se sintetiza em paisagens dos mais diferentes países do mundo. As florestas do Eucalyptus obliqua transportam-nos à Nova Gales do Sul e à Tasmânia, já perto do círculo antártico; os parques de Tamarindus e de Ziziphus, a certos espaços do nosso Alentejo; os planaltos de Fuiloro lembram os campos e os bosques do norte da Europa, a verdura luminosa dos condados ingleses; e, na estação seca, as florestas de paus-rosas, dir-se-iam imitar os maciços arbóreos do Buçaco ou Gerez. A par disso, é um prolongamento de Samatra, Java e outras ilhas de vegetação genesiaca, mas harmoniosamente equilibrada. Não admira que o espírito sensível de Alberto Osório de Castro fosse levado a confessar: “A flora de Timor, misteriosa e

fremente, em mim produz por vezes o mesmo 'grand songe terrestre', igual vertigem e ardente ebriedade pânica à que me dão certos poemas...»⁷.

De 1948 a 1951 Cinatti encontra-se em Lisboa. Redige e entrega a tese – aprovada com 19 valores – e quase de imediato regressa a Timor como chefe dos Serviços de Agricultura. A falta de condições objectivas e subjectivas de trabalho redundam, porém, em cinco anos de frustração: «*A inacção / reduzia-me ao espírito: / flâmula esfarrapada*»⁸.

De novo, é no contacto directo e contemplação da natureza que encontra algum conforto:



[...]

Mas eu bebo a água das fontes
e fico boquiaberto. Eu vejo a folha
deambulando como um pensamento
que finalmente repousa sobre outro
pensamento
até formar sedimentos com que amoldo
a argila
do meu corpo arquejante de sensação
alma⁹.

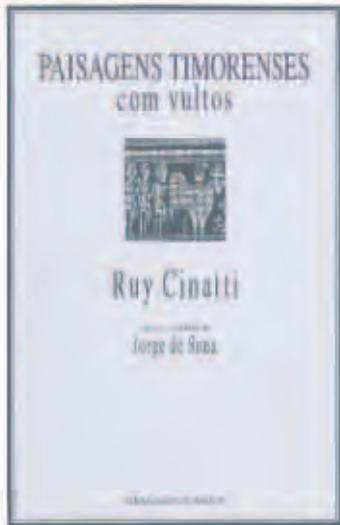
Entretanto, aprofunda-se nele o afecto pelos timorenses e a admiração pela sua cultura que haviam despertado nas caminhadas de 1947: «*foi por simpatia, início de vivência redobrada, e menos por curiosidade renascida, que o Timorense se destacou da paisagem comum: símbolo de gentes exóticas; abstracção humanística; corpo e alma que por mim passava e me dera o seu nome para que o chamasse... O Timorense meu amigo era, afinal, um homem como eu*»¹⁰. Em poema retrospectivo de 1974, Cinatti recorda as amizades que teceu então como algo que o salvou em momento crítico:

Foi a paisagem
que me afundou.

A pouco
e pouco
os homens içaram-me.

Milagre? – Não!
Foi só amor.
Assim Timor,
os Timorenses¹¹.

Cada vez mais Cinatti se convence que um desenvolvimento agrícola sustentável de Timor será possível só numa articulação íntima com a cultura local e no respeito pela conservação das florestas. Mas aquilo a que assiste, porém, quase



impotente, é ao abate das árvores – desde os gondões e camenassas de Díli às florestas que fixavam as encostas – e à degradação económica e social dos timorenses. Escreve-o num poema que *«talvez reflecta uma das minhas mais cruciantes verificações – a de que nada poderia fazer em prol dos Timorenses se a minha actuação se não processasse em pé de igualdade, mediante um consenso cultural que minorasse as diferenças civilizacionais [...]». O processo, por demais complexo em teoria, parecia-me (ainda me parece) extremamente simples na prática, desde que os agentes – passivos-activos, activos-passivos – se compenetrassem de que a dádiva de si mesmos tem que estar acima de todos os interesses colectivos ou individuais»*¹².

Propósito Inadiável

O que magoa é ver o pobre timorense esquelético beber água do pântano, onde se escoam lixos, comer poeira e saudar-me, quando rodo na estrada, deus ocioso.

Tantos e tantos outros, timorenses esqueléticos, olham-me como se dever fosse abrir covas, plantar repasto de milho, arroz e carne, encher copos vazios, de bebedeira e sonho, que não magoe, mortifique o ócio reanime o tempo.

Fugir é melhor que prometer esperança em melhores dias.

Fugir é atrasar
o discurso limite
travado pelas rodas
da dúvida maníaca.

Eu não prometo nada.
Invoco os montes
feridos pela luz,
o mar que me circunda
em Díli terra-tédio e de má gente.

Afino-me pelo timbre
limpo das almas
dos timorenses esqueléticos
que me soletram vivo.

E sigo,
limpo na alma e no rosto,
sujeito à condição que me redime.
Os timorenses só terão razão
quando me matarem¹³.

Quando, em princípios de 1956, regressa à Metrópole de licença, Cinatti publica um manifesto «Em favor do Timorense»¹⁴ e dois anos depois entrega às autoridades em Lisboa um «Plano de Fomento Agrário para Timor»¹⁵. Entretanto, empenha-se em obter a anuência dos seus superiores para estudar Antropologia Social e Cultural. Em Outubro de 1957, fixa-se em Oxford e depois de obter um diploma inicial, prepara uma tese de doutoramento sobre «A Ecologia, a História e a Cultura Material do Timor Português, com referência especial ao Habitat das populações nativas».

Em Dezembro de 1961, regressa a Timor para recolher elementos para a tese, e anota, chocado, a delapidação em curso do património cultural do território: «Por muito estranho que pareça, a presença histórica portuguesa é mais forte na parte indonésia, na antiga parte holandesa, do que na parte portuguesa, porque ali as

coisas conservaram-se. Na parte portuguesa, os militares, administradores, etc. roubaram tudo [...]. Vi uma imagem de marfim, uma N.ª Sr.ª da Conceição, fábrica luso-indiana, ser trocada por uma N.ª Sr.ª de Fátima de plástico, daquelas que têm música... e mais 500 paus!»¹⁶.

Datam dessa visita os 6.000 metros de filme que dirigiu sobre Timor – hoje entregues ao cuidado do Museu de Etnologia e da Cinemateca Nacional. Ainda em 1962, celebra pactos de sangue com dois *liurai*, D. Armando Barreto e D. Adelino Ximénes, e tem acesso a pinturas rupestres ancestrais na ponta leste da ilha.

A sua última viagem a Timor decorre no Verão de 1966. Mas desta vez é o México, por onde passa no regresso, que o entusiasma sobremaneira: *«perdi completamente a cabeça. Ia lá só por causa da arqueologia, os Aztecas, os Maias, os Toltecas, mas depois fiquei fascinado com a etnografia actual. Ia para qualquer sítio numa camioneta de vidros azuis e voltava numa camioneta de quinta classe com janelas abertas, perus, patos, paragem em todas as aldeias, limonadas... e eu metido no meio daquela barafunda. Delirava!»¹⁷. No entanto, era ainda Timor que o prendia. Por trás do entusiasmo germinava uma perspectiva de futuro para o território. O fim da era colonial portuguesa era para ele já uma evidência. Mas, tal como acontecera no México, talvez também Timor pudesse um dia dar corpo a uma cultura nova, nascida da permuta entre um património luso e as culturas locais: *«suma visão, que me fez chorar – a placa comemorativa que na Praça das Três Culturas, nos subúrbios da cidade do México, proclama a honra soberana de uma nação em marcha. Ei-los, os dizeres desta placa memorável: 'El 13 de Agosto de 1521 / Heroicamente defendido por Cuauhtemoc / Cayo Tlatelolco en poder de Hernan Cortez / No fue triunfo ni derrota / Fue doloroso nacimiento del pueblo mestizo / Que es el Mexico de hoy'»¹⁸.**

Cinatti nunca viu concretizar-se a visão que nele se esboçava. O regime, a braços com três



© RUY CINATTI

guerras em África, era insensível às utopias poéticas de um obscuro funcionário da Junta de Investigações do Ultramar. Talvez por isso, Cinatti regressou à poesia, abandonada desde 1958.

Os entusiasmos do 25 de Abril de 1974 não o iludiram. Em Janeiro de 1975, quis prevenir o país do perigo que se corria em Timor, mas a longa carta ao *Diário de Notícias* não chegou a ser publicada. Nela previa um tempo em que o

>
Rapariga
de Suai
em traje
de festa. Fotografia
de Ruy Cinatti.



controle javanês sobre a insulândia viria a enfraquecer. Discretamente, aventava a hipótese duma futura fragmentação da Indonésia, e de as ilhas onde no passado mais se fizera sentir a influência portuguesa se virem a reconstituir como entidade autónoma.

Em Dezembro de 1975, deu-se o que temia: a invasão e anexação do território por ordem de Jacarta. Foi um golpe de que nunca mais recuperou. Remeteu-se, a partir de então, a um rigoroso silêncio em tudo o que dizia respeito de Timor. Mas quem o conhecia de perto, sabia que alimentava secretamente a esperança que assinalara um ano antes com a frase premonitória inscrita na contracapa de *Timor-Amor*:

**Dantes a casa achava-se em ruína;
mas fez-se outra nova.
Avós nossos,
venham todos ver como ela está agora!**

[De um rito de consagração timorense]

- ¹ Ruy Cinatti, «Timor “Ilha perdida, de mistérios densa”», in *Diário de Lisboa* (12 de Março de 1948).
- ² *Um Cancioneiro para Timor* (1968), Presença, Lisboa 1996, p. 19.
- ³ *O Livro do Nómada meu Amigo*, Lisboa, 1958.
- ⁴ «Timor “Ilha perdida, de mistérios densa”», in *Diário de Lisboa*, (12 de Março de 1948).
- ⁵ *De Timor*, dactilografado, 1949, p. 7.
- ⁶ *Reconhecimento Preliminar das Formações Florestais no Timor Português*, Lisboa, 1950.
- ⁷ «Páginas de um Diário Poético», in *Panorama*, 6/36-37 (1948).
- ⁸ Inédito publicado em Peter Stilwell, *A Condição Humana em Ruy Cinatti*, Presença, Lisboa 1995, p. 278.
- ⁹ *Uma Sequência Timorense*, Braga 1970, p. 49.
- ¹⁰ *Um Cancioneiro para Timor*, 1995, p. 21.
- ¹¹ *Paisagens Timorenses com Vultos*, Braga, 1974, pp. 65-66.
- ¹² *Paisagens Timorenses com Vultos*, Braga 1974, p. 149.
- ¹³ *Uma Sequência Timorense*, Braga 1970, pp. 41-42.
- ¹⁴ *Cidade Nova*, IV Série, n.º 5 (1956), pp. 306-310.
- ¹⁵ Texto inédito que se encontra no prelo.
- ¹⁶ «Conversa inacabada», in *Grande Reportagem*, n.º 18 (1985), pp. 44-46.
- ¹⁷ «Conversa inacabada», in *Grande Reportagem*, n.º 18 (1985), pp. 44-46.
- ¹⁸ *Manhã Imensa*, Lisboa, 1984, p. 49.